

UMBANDA QUE TRANSFORMA:

Entrevista com Zelador de Santo Rodrigo Costa sobre sua trajetória na religião

UMBANDA THAT TRANSFORMS:

interview with santo rodrigo costa's carekeepers about his journey in the religion

UMBANDA QUE TRANSFORMA:

entrevista con los Cuidadores de Santo Rodrigo Costa sobre su recorrido en la religión

UMBANDA QUI TRANSFORME:

entretien avec les Gardiens de Santo Rodrigo Costa sur son parcours dans la religion

Aline Paiva dos Santos

Mestranda em Estudos de Cultura e Política (PPCULT) pela Universidade Federal do Amapá (Unifap). Especialista em Estudos Culturais e Políticas Públicas (Unifap);

alinepaivasnts@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0005-9163-5347>

David Junior de Souza Silva

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor permanente do Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política (PPCULT) da Universidade Federal do Amapá (Unifap);

davi_rosendo@live.com

<http://orcid.org/0000-0003-2336-4870>

Recebido em: 16/06/2025

Aceito para publicação: 26/06/2025

Resumo

Este texto apresenta a entrevista com o Pai Rodrigo Costa, zelador de santo nas religiões da umbanda e pena e maracá, realizada no Congá, e atualmente, Terreiro Nossa Senhora da Cabeça. A entrevista foi concedida para produção da monografia Axé e resistência: narrativas das comunidades de matriz africana sobre racismo e intolerância religiosa em Macapá, apresentada ao Curso de Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas, da Universidade Federal do Amapá (Unifap). Na parte metodológica, aplicou-se a pesquisa de campo, com o uso da entrevista semiestruturada e roteiro parcialmente definido. Nesta entrevista, o afrorreligioso conta o amor pelos caboclos e encantados, destaca seu trabalho de cuidar das pessoas espiritualmente, além do preconceito já vivenciado por ser umbandista.

Palavras-chave: Racismo Religioso, Intolerância Religiosa, Umbanda.

Abstract

This text presents an interview with Father Rodrigo Costa, a saint-caretaker in the Umbanda, Pena and Maracá religions, held at Congá, and currently, Terreiro Nossa Senhora da Cabeça. The interview was given for the production of the monograph Axé and resistance: narratives of African-based communities

on racism and religious intolerance in Macapá, presented to the Specialization Course in Cultural Studies and Public Policies, at the Federal University of Amapá (Unifap). In the methodological part, field research was applied, with the use of semi-structured interviews and a partially defined script. In this interview, the Afro-religious man talks about his love for the caboclos and enchanted ones, presents his work of caring for people spiritually, in addition to the prejudice he has already experienced for being an Umbanda follower.

Keywords: Religious racism; Religious intolerance; Umbanda.

Resumen

Este texto presenta una entrevista con el padre Rodrigo Costa, santo cuidador de las religiones Umbanda, Pena y Maracá, realizada en Congá y, actualmente, en el Terreiro Nossa Senhora da Cabeça. La entrevista se realizó para la producción de la monografía "Axé y resistencia: narrativas de comunidades africanas sobre racismo e intolerancia religiosa en Macapá", presentada en el Curso de Especialización en Estudios Culturales y Políticas Públicas de la Universidad Federal de Amapá (Unifap). En la parte metodológica, se aplicó una investigación de campo, mediante entrevistas semiestructuradas y un guion parcialmente definido. En esta entrevista, el afroreligioso habla de su amor por los caboclos y los encantados, presenta su labor de cuidado espiritual de las personas, además de los prejuicios que ya ha experimentado por ser umbandista.

Palabras clave: Racismo religioso; Intolerancia religiosa; Umbanda.

Résumé

Ce texte présente un entretien avec le père Rodrigo Costa, saint gardien des religions Umbanda, Pena et Maracá, tenu à Congá, et actuellement Terreiro Nossa Senhora da Cabeça. Cet entretien a été réalisé dans le cadre de la monographie « Axé et résistance : récits de communautés africaines sur le racisme et l'intolérance religieuse à Macapá », présentée au cours de spécialisation en études culturelles et politiques publiques de l'Université fédérale d'Amapá (Unifap). La partie méthodologique a été axée sur une recherche de terrain, avec des entretiens semi-directifs et un scénario partiellement défini. Dans cet entretien, l'homme afro-religieux évoque son amour pour les caboclos et les enchantés, présente son travail de soutien spirituel aux personnes, ainsi que les préjugés qu'il a déjà subis en tant que pratiquant de l'Umbanda.

Mots-clés : Racisme religieux ; Intolérance religieuse ; Umbanda.

Apresentação

Pai Rodrigo Costa é zelador de santo da umbanda e pena e maracá, no terreiro Nossa Senhora da Cabeça, em Macapá. Fundada em 2020, a casa de matriz africana é chefiada pelo seu Surrupira. Nascido no Amapá, o afrorreligioso narra que o amor pelos guias e encantados nasceu do sentimento de cuidar do próximo. Para ele, a umbanda representa uma oportunidade de tratar as pessoas espiritualmente, seja com banhos, benzeduras, limpezas e até desenvolvimento dentro da própria religião.

O contato com o mundo espiritual começou na infância. Na época, o zelador Rodrigo não entendia muito bem o que estava acontecendo, demorou para aceitar a mediunidade. Quando criança, ele conta que as religiões de matriz africana eram praticadas de maneira mais reservada, devido a estigmatização e intolerância religiosa sofrida por aqueles que se identificavam membros ou frequentadores dessas comunidades religiosas.

Por ser neto de curandeira, foi ainda criança que Rodrigo vivenciou os primeiros casos de intolerância, quando foi apelidado de “macumbeiro”. Ele não entendia o motivo das risadas da vizinhança, mas aquilo o angustiava. O acompanhamento na umbanda veio anos depois.

Nesta entrevista, o zelador apresenta sua história de vida e relatos vivenciados de racismo religioso.

Entrevista

Aline Paiva: Qual seu nome? Idade?

Pai Rodrigo: Me chamo Rodrigo Costa e tenho 33 anos. Sou amapaense, nasci aqui.

Aqui não é terreiro, precisaria de mais estrutura, somos um congá que trabalha com umbanda e pena e maracá. Vou fazer 14 anos dentro da umbanda. Nunca fiz candomblé, segui pelo ramo de pena e maracá, com meu primeiro Pai de Santo. Em seguida fui para umbanda de fato, com meu segundo Pai de Santo.

Aline Paiva: Qual foi seu primeiro contato com as religiões de matriz africana?

Pai Rodrigo: Foi com candomblé, de entendimento na verdade. Com oito anos, eu tive a experiência de ir a um congá com a minha mãe. De lá, acabei descobrindo que era médium de fato, só que não gostava, não aceitava de forma alguma. Com o decorrer do tempo, com as situações acontecendo, tive a necessidade de procurar alguém que pudesse me orientar ou me desse uma saída para aquela situação. Foi aí que conheci meu primeiro Pai de Santo, que na realidade ele era de pena e maracá, mas a casa dele estava em transição para o candomblé. Então conheci o candomblé bem antes do que a umbanda de fato.

Meu primeiro contato foi criança, mas eu não entendia, não sabia o que era, o que estava acontecendo. Antigamente, não sabíamos muitas coisas, hoje temos esse privilégio de ter o entendimento das situações, do que é, como é, o que acontece, o que sinto, porque vibro dessa forma. Antigamente era tudo escondido. Peguei um tempinho cheio de mistérios, aconteceu tal coisa e não tinha muito o que falar, o que explicar sobre o que seria. Por medo também da intolerância, essas coisas.

Lembro de que quando era criança, aconteciam algumas coisas. Tipo, crianças tem muitos amigos, tem contato com a vizinhança, e sempre me apelidavam de macumbeiro e eu não entendia o que era aquilo, porque eu não era e não gostava, não sabia o que era na verdade. Minha avó era curandeira, mas não tinha incorporação. Ela tinha um monte de imagem católica, era uma benzedeira, e meus amigos riam. Tinha esse tipo de chacota quando era criança, me chamavam de macumbeiro, sendo que nem era terreiro ali, era de fato católico, não tinha imagem de caboclo nem nada.

Aline Paiva: Como você expressa sua religiosidade fora do terreiro?

Pai Rodrigo: Nunca tive problema. Por ter começado um pouco mais tarde, não ando tanto trajado, por opção. Tive contato quando criança, mas não tive um acompanhamento desde criança, um desenvolvimento. Não tive essa cultura de me vestir como me visto hoje. Saio e não tenho problema, mas antigamente não. Sempre alguém olha, mas nunca fala nada. Hoje as coisas são diferentes, a lei funciona, temos mais abertura sobre este acompanhamento. Fica mais difícil alguém falar alguma coisa.

Os olhares sempre existem. Faço faculdade na área de radiologia, nunca contei de fato que era da umbanda porque sou da área da saúde. Teve um episódio, há três anos atrás, antes da pandemia, que uma amiga de infância começou a falar que eu batia tambor, mas não entendi também, acho que ela ouviu eu comentando com uma outra que era da religião, ou pelo status do whatsapp. Essa minha outra colega perguntou e expliquei que era umbandista, começou a

dizer que batia tambor e não gostei, fui para cima dela e questionei. Pois ela falou de maneira pejorativa, tirando graça. A menina da faculdade era evangélica.

Aline Paiva: Como é visto na vizinhança? Tem reclamações sobre o barulho? Recorda de algum caso?

Pai Rodrigo: Sim, no outro espaço, no bairro Infraero, jogaram pedra uma vez, em uma sessão de umbanda e pena e maracá, não sabemos de onde, mas ela veio. E toda hora, como tinha uma vila de kitnet bem do lado, eles sempre batiam a porta forte.

Uma outra vez, fiz um tambor e umas dessas festas, que era a do meu malandro, chamaram a polícia. Só que tem pessoas que ficam acordadas, que zelam pelas que estão incorporadas. Elas conversaram com a polícia. Eu sei por que me contaram. Eles falaram que era um terreiro, que era festa de uma entidade e que sabiam a hora que tinha que terminar. A polícia disse que foi uma denúncia, por ser da religião, mandaram acabar.

Aline Paiva: Para você, o que é intolerância ou preconceito religioso? Como define?

Pai Rodrigo: Olha, dá raiva! Tem gente que chora. Dá vontade de revidar aquela agressão, da mesma forma com que aquelas pessoas são, às vezes não são com atitudes, mas com palavras, que doem muito mais que qualquer ataque físico.

Há muitos anos tentei buscar a delegacia, tive um problema com a família. As minhas tias ficavam me chamando de macumbeiro e chegou na justiça. Assinamos um termo de bom viver, aí continuou as acusações e no fórum assinamos um termo que vale mesmo, se alguém continuasse, de ambas as partes, se tornaria algo mais forte, digamos assim.

Parte da minha família tem problema em aceitar minha religião. Eles são católicos. Antes de ser umbandista, fui católico. Até hoje frequento a igreja, gosto de ir na missa, não sigo a doutrina da bíblia. Acredito em Deus, no meu santo, que são acima de tudo.

Aline Paiva: Como lida sentimentalmente com a religião. Ela mudou a sua vida?

Pai Rodrigo: Antigamente eu era muito solto no mundo. Era mundano com bebida, não tinha responsabilidades. Desde quando entrei na umbanda comecei a ter responsabilidade, ganho da responsabilidade da doutrinação. Na umbanda tem que seguir algumas leis, como guardar o corpo, não só de sexo, mas de bebida também. Você não pode tá saindo endoidando e cuidar de alguém amanhã.

Você sempre tem que estar limpo para cuidar de alguém, tem que ter dedicação, se abdicar de algumas situações, digamos assim, alguns prazeres da vida, para poder dar evolução ao outro. Eu gosto e sou apaixonado pela minha religião.

Aline Paiva: Sobre a Umbanda, seria uma religião mais sincretizada?

Pai Rodrigo: Eu acredito nisso. No meu congá você pode observar tantas imagens dos caboclos, dos encantados, quanto dos orixás que são divindades africanas, como também santos católicos.

Acredito em Deus, pregar a palavra de Deus, não aquela escrita e falada pelo homem, mas a do coração e da alma, que é o amor. Eu prego a bondade, não falar que aquilo é pecado ou isso ou aquilo. Sigo um mix de agregações dentro de uma só.

O cuidar das pessoas seria no espiritualmente, com banhos, benzeduras, limpezas espirituais e até no desenvolvimento de outras pessoas. O caboclo nunca vai me fazer mal, o que causa é que você não saber cuidar daquilo, não sabe manipular e nem lapidar a situação, e você acaba sofrendo as consequências. Mas, depois que você descobre que é médium acaba se cuidando, vai evoluindo espiritualmente.

Na Região Norte, que digo, Macapá/Belém, um pouco do Maranhão, se segue mais essa linhagem da pena e maracá, da pajelança, do quartinho com o nome congá, um espaço destinado a essas situações religiosas. Lá não posso comer, beijar alguém, tem todo um respeito por aquele espaço religioso.

Aline Paiva: O que você acha desse tipo de pesquisa?

Pai Rodrigo: Ela serve muito para ter um entendimento. O preconceito é a falta de conceito, falta de conhecimento, empírico, científico, de leitura. Eu não posso falar que aquilo é daquela forma se eu não sei. Esses tipos de trabalho são importantes para quebrar esse tabu. Aqui, eu não cultuo o demônio e nem quero. Aqui se cultua Deus. Para que vou ficar chamando uma coisa negativa? Só positivo! Eu creio no positivo. Para parar com esse tipo de racismo é bom ter entendimento sobre as outras religiões.